

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - EAD

JACQUELINE TEIXEIRA DE ARAÚJO

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM**

Tramandaí / RS

2022

JACQUELINE TEIXEIRA DE ARAÚJO

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ghelman Sordi Zibenberg.

Tramandaí / RS

2022

CIP – Catalogação na Publicação

Araújo, Jacqueline Teixeira

A Influência da Afetividade no Desenvolvimento da
Aprendizagem / Jacqueline Teixeira de Araújo. -- 2022.
49 f.

Orientador: Igor Ghelman Sordi Zibenberg.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia - EAD,
Tramandaí, BR-RS, 2022.

1. Afetividade. 2. Relação professor-aluno. 3. Aprendizagem. I. Zibenberg,
Igor, orient. II. Título.

JACQUELINE TEIXEIRA DE ARAÚJO

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau
de Licenciada em Pedagogia pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ghelman Sordi
Zibenberg.

Data de aprovação: 15/10/2022

Banca examinadora

Prof. Dr. Igor Ghelman Sordi Zibenberg

Orientador

Prof^a. Dra. Elisete Enir Bernardi Garcia

UFRGS

Para meu filho, que nunca me deixou esquecer, que mesmo diante das turbulências da vida, nossos sonhos e objetivos são mais importantes que tudo.

Ao meu marido Antônio Araújo (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, pelas boas energias que me deram força para seguir na caminhada.

Ao meu filho Alan Araújo, que sempre foi meu apoio nas horas difíceis e incentivo para realização dos meus objetivos. A minha nora Ana Paula, pela paciência e ajuda, sempre me apoiando. A minha mãe Maria Angélica e minha irmã Cláudia pelas palavras de conforto e motivação quando eu me sentia desanimada. Ao meu pai e irmãos pela alegria de me ver ingressar na universidade. Aos meus amigos por entenderem minha ausência e a pouca atenção a eles, em função dos estudos.

Ao meu orientador, professor Igor Zibenberg, por aceitar me orientar na realização deste trabalho.

Aos meus professores e tutores do curso de Pedagogia, agradeço pela orientação, parceria, dedicação, paciência, apoio e atenção dedicados a mim, pois tudo isso foi imprescindível para meu processo de formação.

Aos meus colegas de curso, obrigado por todo suporte, trocas de experiências, esclarecimento de dúvidas e apoio para superar os desafios e adversidades que surgiram no decorrer do curso.

As professoras que atenciosamente aceitaram participar da minha pesquisa, contribuindo para realização do meu trabalho.

A UFRGS por oferecer o curso de Licenciatura em Pedagogia - EAD, proporcionando um ensino acessível e mais flexível, possibilitando minha formação superior.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender a influência da afetividade e a sua importância para o estabelecimento de boas relações, assim como os benefícios que ela pode proporcionar junto às práticas pedagógicas para a condução de um trabalho efetivo de aprendizagem. É um estudo exploratório que fundamenta-se pela revisão bibliográfica de teóricos clássicos e contemporâneos que têm seus estudos voltados para as questões da afetividade, além da análise de dados coletados através de entrevistas semiestruturadas, realizadas com professores de anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Imbé no Rio Grande do Sul, que aceitaram compartilhar suas experiências vivenciadas ao longo da docência, contribuindo para um aprofundamento e compreensão do tema. O resultado da pesquisa apresentou relatos sobre as atitudes e experiências que demonstram a preocupação com a subjetividade e a realidade do aluno, buscando sempre estabelecer relações de confiança e bem-estar. Os trabalhos das professoras, apresentam métodos de ensino que proporcionam à criança desenvolver habilidades a partir das ações e interações com os outros e com o meio. Diante disso, afirmaram que consideram relevante a influência da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem, pois agrega significados à educação escolar.

Palavras-chave: Afetividade, relação professor-aluno, aprendizagem.

Abstract

The present work has as general objective to understand the influence of affectivity and its importance for the establishment of good relationships, as well as the benefits that it can provide together with pedagogical practices for conducting an effective learning work. It is an exploratory study that is based on the literature review of classic and contemporary theorists who have their studies focused on the issues of affectivity, in addition to the analysis of data collected through semi-structured interviews, carried out with teachers from the early years of elementary school in a school public school in the city of Imbé in Rio Grande do Sul, who agreed to share their experiences during teaching, contributing to a deepening and understanding of the subject. The result of the research presented reports on attitudes and experiences that demonstrate the concern with the subjectivity and reality of the student, always seeking to establish relationships of trust and well-being. The teachers' work presents teaching methods that allow the child to develop skills from actions and interactions with others and with the environment. In view of this, they stated that they consider the influence of affectivity to be relevant in the development of learning, as it adds meaning to school education.

Keywords: Affectivity, teacher-student relationship, learning.

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 – Adequação do roteiro de entrevista.....	26
Quadro 2 – Formação das professoras entrevistadas.....	26
Gráfico 1 – Tempo de docência.....	27
Gráfico 2 - Quantidade total de alunos e quantidade quanto ao gênero.....	28
Gráfico 3 – Faixa etária das turmas do 1º ao 3º ano.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
SciELO	Scientific Electronic Library Online
E-BOOK	Electronic book

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1. OBJETIVO GERAL	15
1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
2. DESENVOLVIMENTO.....	16
2.1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1.1. AFETIVIDADE.....	19
2.1.2. DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM...20	
2.1.3. RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO.....	21
2.2. METODOLOGIA.....	23
2.2.1. COLETA DE DADOS.....	24
2.2.2. PRÉ-ANÁLISE.....	25
2.2.3. EXPLORAÇÃO DO MATERIAL.....	26
3. RESULTADOS.....	30
3.1. RELAÇÕES AFETIVAS: A CRIAÇÃO DE VÍNCULOS AFETIVOS	30
3.2. INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NAS REAÇÕES EMOCIONAIS	35
3.3. O DESENHO COMO PERCEPÇÃO DE SENTIMENTOS E EMOÇÕES INTERNAS.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
5. REFERÊNCIAS.....	45
6. APÊNDICE.....	49

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a relação da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem, considerando os vínculos afetivos construídos entre professor/aluno e as ações e práticas educativas que podem ajudar nesses processos.

O trabalho tem base em dados analisados a partir de relatos de experiências de profissionais da educação e também da revisão bibliográfica de autores das áreas da psicologia e educação, que através de suas concepções de aprendizagem, nos ajudam a compreender melhor o desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Considerando que a escola dá atenção para a educação formal, priorizando os aspectos cognitivos, podemos dizer que a evolução cognitiva necessita de motivação, interesse, necessidades para garantir a estruturação dos esquemas mentais. Por isso, o afeto representa condição essencial para o processo. Segundo Silveira (2017), “a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é um elemento que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança.” (SILVEIRA, 2017, p.2). A mudança das concepções sobre os processos de ensino-aprendizagem passa pela abordagem dos fatores de inter-relações e interdependências das questões que envolvem o desenvolvimento integral do indivíduo.

Buscando contextualizar a escolha do tema, descrevo um pouco da minha experiência com a afetividade. Como funcionária de uma escola pública de ensino fundamental, na função de auxiliar de disciplina, diariamente posso constatar a necessidade que crianças e adolescentes têm de receberem atenção e carinho. Já na entrada ganho e distribuo muitos abraços e sorrisos. E assim que os recebo, é assim que gostam de ser recebidos. Também é assim que nos despedimos sempre.

A escola em que trabalho, pertence à região do litoral norte gaúcho. Em certas épocas do ano, ocorre um aumento considerável no número de matrículas e transferências realizadas pela escola, resultado do vai e vem das famílias que procuram oportunidades de emprego e melhores condições de vida. Muitos alunos que frequentam a escola, pertencem a famílias que enfrentam os problemas provocados pelas desigualdades sociais, por isso nossa atenção reflete a intenção

de fazer com que este aluno se sinta bem no ambiente escolar e espontaneamente deseje estar ali, promovendo sua formação.

É comum tratarmos as crises, as tristezas, as indiferenças e problemas que afligem tão frequentemente esses indivíduos, através de conversas, consolo, apoio e suporte da orientação escolar, em casos mais extremos, encaminhamento psicológico. Muitas vezes chegam à escola chorando, bravos, irritados, violentos, e descontam suas frustrações em qualquer um, não importa quem. Por isso ocorre muita briga principalmente entre os menores, que por qualquer coisa se chutam, se socam, fazem agressões verbais. Quanto aos adolescentes, proferem palavrões e xingamentos ofensivos, vulgares e desnecessários, excluem amigos do grupo, atacam fisicamente e virtualmente colegas. A falta de condutas e valores é visível entre alguns sujeitos. Porém o mais intrigante é o que acontece após esses momentos de raiva, a tristeza. Tanto as crianças quanto os adolescentes se apresentam frágeis, e às vezes essas atitudes têm muito a ver com situações que estão passando, por isso tais reações só demonstram a necessidade de atenção, de extravasar o que sentem por dentro. Sentimentos e emoções, que se expressam nem sempre do modo adequado, mas que precisam ser compreendidas para que possam ser trabalhadas. São esses momentos que muitas vezes dificultam a qualidade das relações interpessoais no espaço escolar e impossibilitam que o professor desenvolva um trabalho de qualidade, pois os conflitos interrompem o raciocínio, desviam a atenção e tornam o ambiente desagradável, difícil para aprendizagem. O professor precisa ter um olhar atento e compreensivo, para saber quando essas atitudes são sinais de carência ou momentos críticos, e ele só conseguirá ajudá-la se for um amigo, alguém no qual se pode confiar. Conseguir promover uma ação harmoniosa, motivando a participação e a interação, desfazendo os momentos de tensão, conflito e desinteresse, refletem em melhorias nas relações, no ensino e na aprendizagem. Criar um vínculo afetivo ativa a sensibilidade, proporciona segurança, estimula a comunicação, as experiências e as relações sociais que podem contribuir ou interferir nos processos do ensino-aprendizagem. Para Tassoni (2000), “[...] é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem.” (TASSONI, 2000, p.155).

As experiências e interações que ocorrem no espaço escolar têm impacto na vida do indivíduo, por isso tudo que é mediado com sentimento e emoção tem a capacidade de modificar expressões e comportamentos, produzindo estímulos positivos e motivadores para ajudar no desenvolvimento do aluno. Para Freire (1996), “às vezes, mal se imagina o que pode representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.” (FREIRE, 1996, p.24). Também é preciso considerar as diversas realidades vividas dentro e fora da escola, e também as etapas do desenvolvimento infantil, pois são fatores que tendem a refletir no comportamento emocional e cognitivo do aluno. Se não houver a compreensão de que essas realidades e etapas muitas vezes determinam o temperamento e hábitos do indivíduo, produzindo reações emocionais diante de determinadas atitudes e situações, a intervenção pedagógica não dará resultados.

Este trabalho procura através das ideias de autores clássicos e contemporâneos fundamentar a pesquisa e responder à problemática: “Qual a relevância das relações interpessoais, dos sentimentos e das emoções no processo de ensino-aprendizagem?”.

Se a construção de vínculos afetivos entre professor-aluno é importante para conhecer e compreender a subjetividade e realidade do aluno, trazendo possibilidades para que ele possa desenvolver habilidades e capacidades que o ajudem a ter autocontrole sobre suas emoções, construindo conhecimento a partir de experiências positivas, então as relações interpessoais, sentimentos e emoções têm influência na aprendizagem. La Taille (1992) ressalta que Piaget considera que “a afetividade é comumente interpretada como uma ‘energia’, portanto algo que impulsiona as ações.” (LA TAILLE, 1992, p.,65, grifo do autor). A escolha da temática vem do interesse em investigar como professores do ensino fundamental I, compreendem os processos de ensino/aprendizagem que envolvem afetividade e cognição, a partir das relações e vínculos construídos com seus alunos e o resultado dessa dinâmica no desenvolvimento integral destes. Tal interesse se justifica ao refletirmos sobre as ideias de Wallon em como os processos de desenvolvimento do afeto e da razão estão interligados a vários aspectos e a diferentes momentos da história humana. A afetividade se apresenta desde o nascimento, e segue como

importante manifestação na evolução da nossa construção pessoal e também na construção do conhecimento e da Inteligência.

Esse estudo sobre a afetividade, conduzido por pesquisa qualitativa e revisão bibliográfica, trará questões para ajudar a compreender fatores que estimulam ou interferem nos processos educativos, melhorando as percepções e o trabalho docente. Por isso, ainda que a afetividade possa representar uma questão secundária para a escola, é ela quem fomenta a qualidade das relações e do ensino, portanto merece ser estudada e tratada como parte indissociável do processo de aprendizado.

1.1. Objetivo Geral

O objetivo geral é compreender a influência da afetividade e a sua importância para o estabelecimento de boas relações, assim como os benefícios que ela pode proporcionar junto às práticas pedagógicas para a condução de um trabalho efetivo de aprendizagem.

1.2. Objetivos Específicos

Identificar como as crianças reagem aos conflitos, sentimentos e emoções produzidas pelo ambiente e/ou sujeitos que orientam o trabalho pedagógico, na expectativa de que situações cotidianas de sala de aula revelam o quanto a afetividade é relevante ou não para o desenvolvimento da aprendizagem.

Verificar como os professores lidam com situações de conflito, frustração, tristeza, medo, raiva e indisciplina, assim como alegria e interesse do aluno.

Analisar de que maneira os professores transformam essas reações em ações positivas, a fim de realizar um trabalho significativo e de qualidade em prol do desenvolvimento da aprendizagem.

2. DESENVOLVIMENTO

O resultado deste trabalho apoiou-se na revisão bibliográfica de estudos que contemplam o tema afetividade e aprendizagem como questões centrais. Nas buscas realizadas, principalmente nas plataformas de pesquisas Google Acadêmico e SciELO, foram encontradas diversas publicações relacionadas a esses termos, no âmbito das áreas de psicologia e da educação. Em uma pesquisa avançada foi possível encontrar principalmente artigos científicos e livros de autores que são referências nas distintas áreas, assim como informações específicas sobre o tema.

2.1. Referencial teórico

O referencial teórico baseia-se nas discussões de autores como Galvão (1995), Gratiot-Alfandéry (2010) e Dantas (1992) sobre os estudos de Wallon (1879-1962) que integra afetividade e inteligência as alternâncias funcionais dos diferentes estágios de desenvolvimento e La Taille (1992), Wadsworth (1992), Souza (2011) sobre os estudos de Piaget (1962) que reconhece a importância do afeto nas relações, pois influencia no comportamento que potencializa o desenvolvimento cognitivo. Outros autores que apresentam estudos de grande relevância sobre o tema, também contribuem para o embasamento deste trabalho, sendo eles: Tassoni (2000), Rodrigues e Garms (2007), Fonseca (2016) e Freire (1996).

Piaget (1962) tem seus estudos voltados para os estágios de desenvolvimento do pensamento, mas também traz suas concepções sobre afetividade e sentimentos como fatores para a evolução cognitiva. Sobre a afetividade e cognição, suas pesquisas mostram como o desenvolvimento do juízo moral, conduz esta relação, a partir da evolução da prática e da consciência, divididas em três etapas: anomia, a criança tem dificuldades em seguir regras coletivas, fazendo somente aquilo que satisfaça seus interesses; heteronomia, a criança não questiona as regras, pois as interpreta como algo sagrado, que não deve ser modificado; autonomia, a criança segue, respeita e compreende as regras, porém ela concebe a si o direito de criar e expor novas regras para aprovação do grupo. Ainda, para Piaget (1962) “a moral é um fato social” (LA TAILLE, 1992, p.58), formada nas relações interindividuais, categorizadas como: coação e cooperação.

A coação é caracterizada por uma relação desigual, na qual um é superior ao outro, as formas de pensar são impostas e há falta de empatia pelo outro. Essa relação reforça o egocentrismo, a dependência emocional e a dificuldades em se colocar no lugar do outro, não oportunizando a construção de conhecimento e relações interpessoais.

A cooperação, é regida pela reciprocidade e constituída nas relações entre iguais. Promove a autonomia e a compreensão do respeito ao outro, desenvolve a inteligência e a consciência moral da criança.

Assim, entendemos que conforme as etapas de desenvolvimento da criança, vão ocorrendo modificações dos aspectos afetivos e morais, orientados por valores sociais e culturais. A afetividade e a construção de vínculos dependem de uma educação onde as crianças desenvolvam a empatia e a capacidade de resolver conflitos, através da compreensão e autocontrole das suas emoções, do entendimento sobre o certo e o errado, da noção de justiça, da autonomia do pensar e agir, produzindo um comportamento regido pela inteligência e afeto.

Freire (1996) destaca uma das tarefas do educador, que é auxiliar nas etapas de desenvolvimento do educando.

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; (FREIRE, 1996, P.42).

Dantas (1992), traz na discussão sobre as teorias psicogenéticas, o confronto entre o progresso da ciência e as teorias que abordam a dimensão social no desenvolvimento psicológico. A autora faz uma abordagem sobre a atividade emocional: “[...] ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza; realiza a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida, através da mediação cultural, isto é, social.” (DANTAS, 1992, p.85). Portanto, a mediação social é necessária para a evolução das etapas cognitivas. E nesse sentido a escola deve possibilitar oportunidades, criando situações de construção de conhecimento. Tão importante quanto isto, é a necessidade de se compreender as características e efeitos que as experiências oferecidas pelo ambiente e sujeitos, podem ocasionar no desenvolvimento emocional e cognitivo do aluno.

Vejamos Rodrigues e Garms, (2007), “[...] nas últimas décadas a escola tem ficado à margem dos estudos acerca do desenvolvimento afetivo da criança uma vez que tem sido a atividade intelectual o foco das pesquisas acadêmicas.” (RODRIGUES; GARMS, 2007, p.33). É importante que a escola analise as características individuais dos sujeitos que ela atende, isso garante as formas e ações do trabalho educativo, que atendam às necessidades de cada etapa da infância, tanto afetivas como cognitivas.

A dinâmica relacional entre aluno e professor se dá a partir da forma como a criança contextualiza as formas de atuação que acontecem na sala de aula. Assim, Tassoni (2000) alerta para questões que devem ser exploradas na tentativa de avaliar como essas ações são interpretadas e compreendidas. Segundo ele:

O que se diz, como se diz, em que momento e por quê; da mesma forma que, o que se faz, como se faz, em que momento e por quê, afetam profundamente as relações professor aluno, influenciando diretamente no processo de ensino-aprendizagem. (TASSONI, 2000, p. 149).

O trabalho do professor será significativo, a partir da metodologia utilizada em aula e reciprocidade da ação pedagógica. Para manter o interesse e a atenção é necessário explicar claramente o conteúdo, organizar o ambiente pedagógico, motivar os alunos a expressarem seus interesses e pontos de vista, demonstrando suas intenções em compreender as ideias, sentimentos e necessidades deles.

Wallon (1968) identifica que as influências afetivas exercem uma ação fundamental no desenvolvimento mental, porém a emoção pode em determinadas circunstâncias se sobrepor a razão.

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação. [...] a emoção é especialmente apta para suscitar reflexos condicionados. Sob a sua influência, ela pode muitas vezes opor-se manifestamente à lógica ou à evidência. (WALLON, 1968, p.148-149).

Esse desequilíbrio entre a emoção e a lógica ocorre pelo fato da emoção regular comportamentos, produzindo estímulos positivos ou negativos diante de determinadas situações, representados por expressões que indicam sua frustração. A partir desses conflitos, o indivíduo é obrigado a adaptar-se com a intenção de satisfazer suas necessidades e promover seu bem-estar. Fonseca (2016) explica que:

As emoções dão sentido à vida humana enquanto nos adaptamos, aprendemos, temos sucesso e fazemos amizades, mas igualmente elas também emergem enquanto enfrentamos episódios, eventos e situações que nos esmagam, magoam, ridicularizam e nos frustram e entristecem, por tudo isto, as emoções e as expressões faciais e gestuais fornecem informações adaptativas de enorme relevância para a aprendizagem, elas são fenomenológicas porque são subjetivamente experienciadas e vivenciadas. (FONSECA, 2016, p.367).

Por isso é preciso ter cuidado e atenção para oferecer experiências que transmitam aspectos positivos, no prazer em aprender e na autoestima do aluno. As crianças precisam se sentir seguras e apoiadas, querem identificar algo bom para estabelecerem uma relação de confiança com seus professores.

Assim, os pontos priorizados são: afetividade; desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem; relação professor-aluno.

2.1.1. Afetividade

Compreendemos afetividade como um conjunto de fenômenos afetivos (emoções, paixões, sentimentos) e ainda, a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. Piaget (1962) reconhece a importância do afeto nas relações, pois influencia no comportamento que potencializa o desenvolvimento cognitivo. Para Piaget (1962):

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (PIAGET, 1962, p.129 apud SOUZA, 2011, p.252).

No período sensório motor, vemos que nos recém-nascidos as reações afetivas são reflexos involuntários, quando começam a interagir com o meio passam a construir esquemas de assimilação e acomodação que se transformam em ações intencionais. “O desenvolvimento cognitivo do estágio sensório-motor evolui a partir da ação da criança sobre o meio-ambiente.” (WADSWORTH, 1992, p.48).

Conforme vão avançando os estágios, ocorre modificação dos esquemas e desenvolvimentos das capacidades cognitivas, atribuídos a determinadas características que incorporam as do estágio anterior.

Cada avanço no raciocínio é acompanhado do egocentrismo na sua fase inicial. As crianças pré-operacionais, no início, percebem seus pensamentos como necessariamente corretos. Este egocentrismo do pensamento diminui gradativamente à medida que as crianças reconhecem que os seus colegas e as outras pessoas têm ideias que conflitam com as suas. Isto provoca dúvidas quanto à certeza de suas próprias ideias. Os que alcançaram as operações formais são inicialmente egocêntricos visto que julgam a exatidão dos pensamentos contra um critério da lógica do raciocínio. Este egocentrismo diminui quando (e se) o adolescente gradativamente tenta adaptar seu modo de ver a um papel adulto. (WADSWORTH, 1992, p.141).

Assim, os esquemas são modificados ao longo da vida, porém as características do período sensório-motor são fundamentais por estarem ligadas às experiências para a construção e desenvolvimento das estruturas cognitivas.

Para Wallon (1879-1962), afetividade e inteligência são processos que têm origem orgânica e social. Ele entende que o desenvolvimento não ocorre de forma contínua, mas sim a partir dos conflitos que causam a descontinuidade desse processo, reformulando o pensamento e criando novos estímulos para a aprendizagem. Na sua teoria, “o surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e ressignificando-as” (WALLON, H. 1879-1962 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.34). A criança nem sempre se expressa verbalmente, portanto é preciso conhecer e compreender as formas de expressões que geralmente se apresentam através de sentimentos e emoções produzidas através de manifestações corporais. Isso ajuda nas relações interpessoais, cria um ambiente positivo e traz qualidade ao processo de ensino-aprendizagem.

2.1.2. Desenvolvimento do Processo de Ensino - Aprendizagem

O ambiente escolar, a prática pedagógica, a adaptação do aluno, a disposição para aprender, os fatores biológicos, a interação e as relações sociais, são fatores que favorecem ou dificultam os processos de ensino-aprendizagem. O afeto estimula, pois quando um ensinamento é conduzido com emoção, desperta a inteligência, talvez porque é mais prazeroso aprender coisas interessantes, que chamam nossa atenção, do que aquelas sem significância para nós.

Tassoni e Leite (2013), destacam formas do professor ajudar o aluno a produzir sentimentos e emoções agradáveis, contribuindo para os processos de ensino-aprendizagem: “A disponibilidade em ajudar concretiza-se em ações pedagógicas bastante efetivas: dar dicas, informações, explicar passo a passo, dar ideias, mostrar como faz, dar exemplos, ensinar a estudar, mostrar diferentes maneiras de se fazer, etc.” (TASSONI; LEITE, 2013, p.264).

E para Freire (1996):

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. (FREIRE, 1996, p. 38).

Assim, o tipo de mediação feita pelo professor afetará o educando, ajudando ou não, na concretização dos objetivos da ação pedagógica. É vital que o professor avalie sua prática educativa, para verificar se está respeitando a subjetividade do educando na construção do seu conhecimento.

2.1.3. Relação Professor – Aluno

A aprendizagem é resultado de uma prática pedagógica que considera as subjetividades de cada um e o objetivo que se quer alcançar. O professor deve estabelecer diálogo, ter maior compreensão dos desejos e anseios desse sujeito, a fim de estimular a interação, a participação e a motivação para aprender. Assim Freire (1996) nos faz refletir sobre a relação da docência/discência:

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência.[...] ensinar não é transferir inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. (FREIRE, 1996, p. 74).

Também para Wallon (1879-1962), a criança está no seu tempo e cabe ao adulto respeitar e compreender os comportamentos e particularidades desta fase. “Para a criança, só é possível viver sua infância. Conhecê-la compete ao adulto. Contudo, o que irá predominar neste conhecimento, o ponto de vista do adulto ou o da criança?”. (WALLON, H., 1879-1962 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.43).

Perceber o outro sem preconceitos ou avaliações prévias, sem favoritismos e entendendo a realidade vivida fora da escola são fatores que podem influenciar no estado emocional. Esse processo é necessário para ambos sujeitos, porém ao professor cabe, além da conduta imparcial, ter atenção aos sentimentos trazidos e as emoções causadas por eventos ocorridos. Podemos resumir isto como respeito ao educando. Assim:

[...]saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando – não são regalos que recebemos por bom comportamento. [...] A prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética. Se não se pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se deles exigir seriedade e retidão. (FREIRE, 1996, p.38).

Ainda, Freire (1996) nos alerta que os limites também são importantes no processo educativo, bem como uma forma de atenção aos princípios éticos que estabelecem regras para o bem comum. Vejamos:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.[...]O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p.35).

O professor atencioso, que explica, se interessa em ajudar, que orienta sobre atitudes e valores, que tem prazer em dar e estar em aula, transmite confiança e motivação para estudar e aprender. Para Tassoni (2000), a forma de atuação e a postura do professor em sala de aula determinam as reações comportamentais e emocionais do aluno, sendo as ações que expressam afeto e acolhimento importantes para o desenvolvimento cognitivo, bem como, o modo como são apresentados e trabalhados os conteúdos e atividades.

Os aspectos afetivos que permeiam a relação professor-aluno não se restringem somente às virtudes e valores do professor com relação aos seus alunos. Elas manifestam-se também na maneira como o professor lida com o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve. (TASSONI, 2000, p.23).

Para Rodrigues e Garms (2007). “O professor deve ter clareza sobre o que é emoção, como funciona, para poder administrá-la em si e no outro”. (RODRIGUES; GARMS, 2007, p.38). Portanto, o professor deve ter consciência da relação que constrói, dos sentimentos que produz e dos resultados promovidos em função das ações que envolvem o afeto por seus alunos.

2.2. Metodologia

Este trabalho apoiou-se em uma pesquisa qualitativa e exploratória, onde buscou-se identificar aspectos que evidenciam a influência que as expressões de afeto e os vínculos afetivos entre professor/aluno têm nos processos de ensino e aprendizagem. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: entrevista semiestruturada e pesquisa bibliográfica, feita a partir de consultas e leituras de artigos científicos e e-books, publicados nas plataformas *Google Acadêmico*, *SciELO* e *Google Livros*.

A pesquisa tem como propósito ir atrás de respostas para um problema ou descobrir novos conhecimentos, através de uma investigação minuciosa. Cada pesquisa tem um objetivo específico, possibilitando classificá-la em diferentes tipos. Para Silveira e Córdova (2009) é possível identificar uma pesquisa pela sua abordagem, natureza, objetivos e procedimentos. Assim, esta é uma pesquisa qualitativa, pois busca compreender os aspectos da dinâmica relacional entre alunos e professores. É um estudo exploratório, pois Segundo Gil (2008): “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” (GIL, 2008, p.27).

Participaram da pesquisa quatro professoras dos anos iniciais de uma escola municipal de educação básica, que aceitaram compartilhar suas experiências de constituição docente, construção de afetos e considerações sobre o desenvolvimento dos seus alunos.

Para fazer a análise, compreensão e interpretação dos dados obtidos, a técnica determinada foi a análise de conteúdo, pois conforme Gerhardt e Silveira (2009) “[...] a análise de conteúdo inicia pela leitura das falas, realizada por meio das transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.84). Ainda, para Bardin (1977), ela permite o estudo "das motivações, atitudes, valores, crenças, tendências”. (BARDIN, 1977, p. 17 apud TRIVIÑOS, 2009, p. 159).

Dentre as várias modalidades de análise de conteúdo utilizaremos a análise temática porque:

[...] além de ser a mais simples, é considerada apropriada para as investigações qualitativas. A análise temática trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto; comporta um feixe de relações e pode ser graficamente representada por meio de uma palavra, frase ou resumo. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.84).

Esta técnica implica três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Um trabalho de leitura e análise do material coletado, classificação dos conteúdos por temas e por fim, o destaque das informações obtidas. Tudo que for importante para criar hipóteses e gerar novos conhecimentos, serão analisados sistematicamente, de forma que a conclusão dos resultados tenha fundamentação teórica.

2.2.1. Coleta de dados

O interesse por conhecer como os professores se comportam e estabelecem relações com seus alunos, como lidam com as emoções e sentimentos, derivados de diversas situações, principalmente após o cenário de pandemia, que colocou a tecnologia como estímulo a autonomia e ressignificação de sentimentos e valores como empatia, amizade, companheirismo, solidariedade e respeito. Saber como eles gerenciam e estimulam a construção de vínculos, como reconhecem e percebem seus alunos e suas relações familiares e sociais, são fatores considerados para nos cercar de conhecimento e informação sobre os aspectos da afetividade.

Foi utilizada a entrevista semiestruturada. Aceitaram participar ¹da pesquisa 04 (quatro) professoras das séries iniciais do ensino fundamental I, todas funcionárias efetivas, pertencentes ao quadro de pessoal da Secretaria Municipal de Educação. Seus relatos são experiências atribuídas à vivência docente, fornecendo dados para análise sobre a afetividade e sua influência no desenvolvimento do aprendizado e das relações interpessoais.

As entrevistas foram individuais, pré-agendadas e gravadas com o auxílio de gravador de áudio do celular e duraram entre 15 e 20 minutos, tempo necessário para colher informações importantes sobre experiências que ajudaram a construir uma constituição docente. As perguntas foram estabelecidas a partir de um roteiro (Apêndice A) flexível, oportunizando ao entrevistado trazer mais informações ao tema, pois a entrevista semiestruturada conforme Gerhardt e Silveira (2009), permite:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.72).

Para manter o sigilo da identidade dos entrevistados, eles foram identificados por pseudônimos. As questões abordadas foram referentes a afetividade e as relações entre o professor/aluno como aspectos importantes que influenciam significativamente nos processos de ensino-aprendizagem.

2.2.2. Pré-análise

Primeiramente buscamos conhecer os sujeitos quanto a sua formação, tempo de docência, quantidade total de alunos em sala de aula e as quantidades por gênero, bem como a idade média dos alunos por turma.

Observamos no quadro 1, que nem todos os participantes seguiram o roteiro previsto. Isto ocorreu, pelo fato da entrevista semiestruturada proporcionar uma interação social, e segundo Gil (2008), “nas entrevistas não estruturadas o

¹ Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para participar da pesquisa.

desenvolvimento das perguntas depende do contexto da conversação”, (GIL, 2008, p.117). Por isso o roteiro sofreu adequações da forma das perguntas. Vejamos:

Quadro 1 – Adequação do roteiro de entrevista

ENTREVISTA 1	A entrevista com a professora seguiu o roteiro previsto para a entrevista, algumas perguntas foram suprimidas por já estarem no contexto das respostas.
ENTREVISTA 2	As perguntas foram lidas anteriormente pela entrevistada que optou por contar a sua história a partir do entendimento do assunto proposto.
ENTREVISTA 3	A entrevista seguiu em partes o roteiro previsto, deixando a entrevistada livre para relatar suas experiências, a partir do assunto em questão.
ENTREVISTA 4	A entrevista seguiu partes do roteiro previsto, pois o relato da entrevistada foi respondendo e incorporando novas e importantes questões sobre o tema.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Das muitas questões que surgiram, delimitaram três tópicos de análise, a saber: I. Relações afetivas: a criação de vínculos afetivos; II. Influência da família nas reações emocionais; III. O desenho como percepção de sentimentos e emoções internas.

2.2.3. Exploração do material

Os sujeitos da pesquisa foram identificados pelos pseudônimos: Professoras Ana, Bia, Cris e Dora.

Quadro 2 – Formação das professoras entrevistadas

	ANA	BIA	CRIS	DORA
FORMAÇÃO	PEDAGOGIA	PEDAGOGIA	PEDAGOGIA	PEDAGOGIA

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

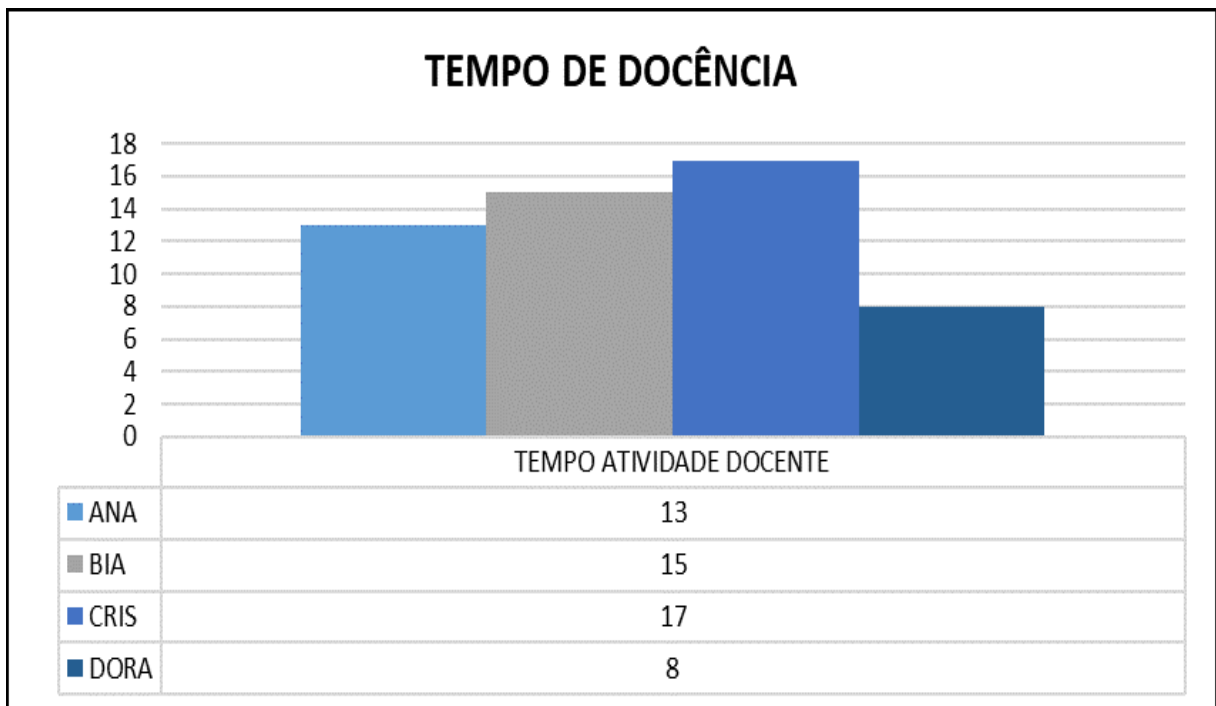
Todas as professoras participantes, têm formação superior em pedagogia (Quadro 2), aspecto importante para uma constituição profissional, assegurando qualidade e dinamismo na articulação de saberes teóricos e práticos, propiciando experiências de aprendizagens adequadas ao desenvolvimento integral do aluno. Um dos objetivos expostos pelo conselho nacional de educação (CNE/CP 9/2001) sobre a formação de professores, diz:

A formação de professores deve assegurar o conhecimento dos aspectos físicos, cognitivos, afetivos e emocionais do desenvolvimento individual tanto de uma perspectiva científica quanto relativa às representações culturais e às práticas sociais de diferentes grupos e classes sociais. (CNE/CP 9/2001, p.45).

Como vimos, a formação do professor engloba saberes necessários para os processos de aprendizagens, socialização e das diversas demandas do ambiente escolar, trazendo novas dinâmicas para as práticas e ações envolvidas com os processos de desenvolvimento integral do educando.

O tempo de docência sugere amadurecimento e experiência na profissão docente. O gráfico 01 nos mostra o tempo que as entrevistadas atuam na profissão docente.

Gráfico 1 – Tempo de docência



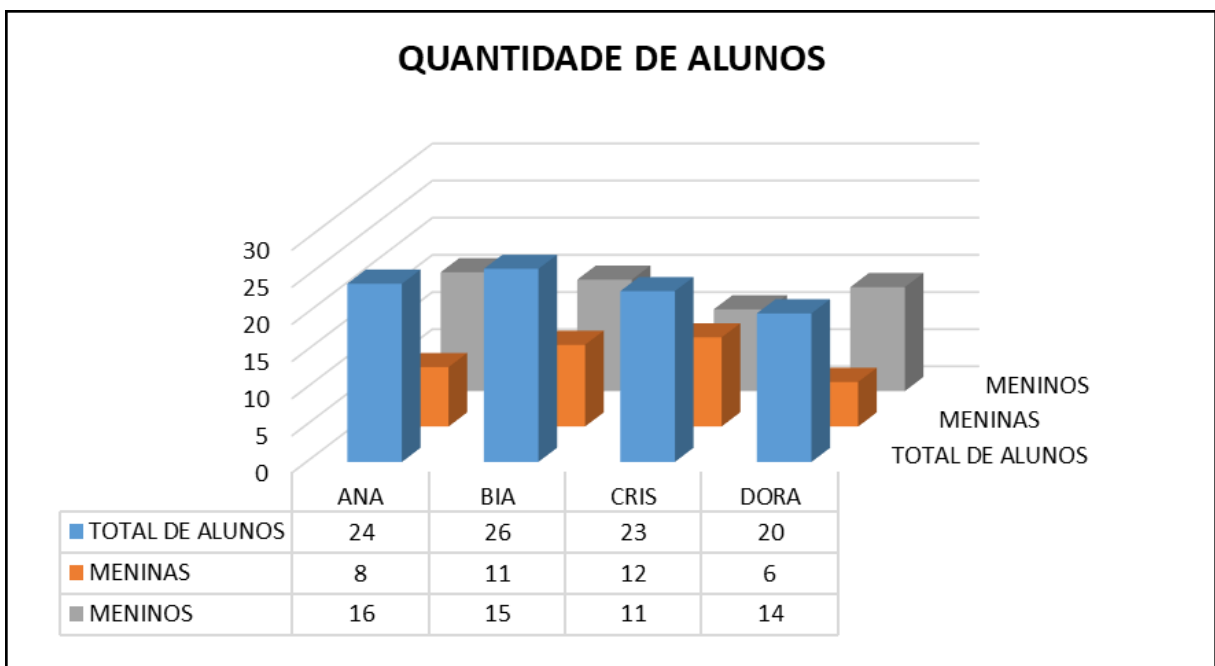
Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Segundo Tardif (2000), os saberes são adquiridos e aprimorados ao longo do tempo, durante seu percurso profissional: “os saberes profissionais dos professores são temporais, ou seja, são adquiridos através do tempo.” (TARDIF, 2000, p.13).

O conhecimento construído na/pela experiência, considera saberes adquiridos no dia a dia do espaço escolar, no contato direto com os alunos, nas atividades docentes, na interação com outros professores, na auto reflexão do exercício da prática pedagógica e pelas diversas situações enfrentadas ao longo da carreira. Esse conhecimento experiencial quando articulado com o conhecimento teórico, dão significado a prática e formação docente.

No gráfico 2 temos a quantidade total de alunos e as comparações entre o número de alunos do sexo feminino e masculino.

Gráfico 2 - Quantidade total de alunos e quantidade quanto ao gênero



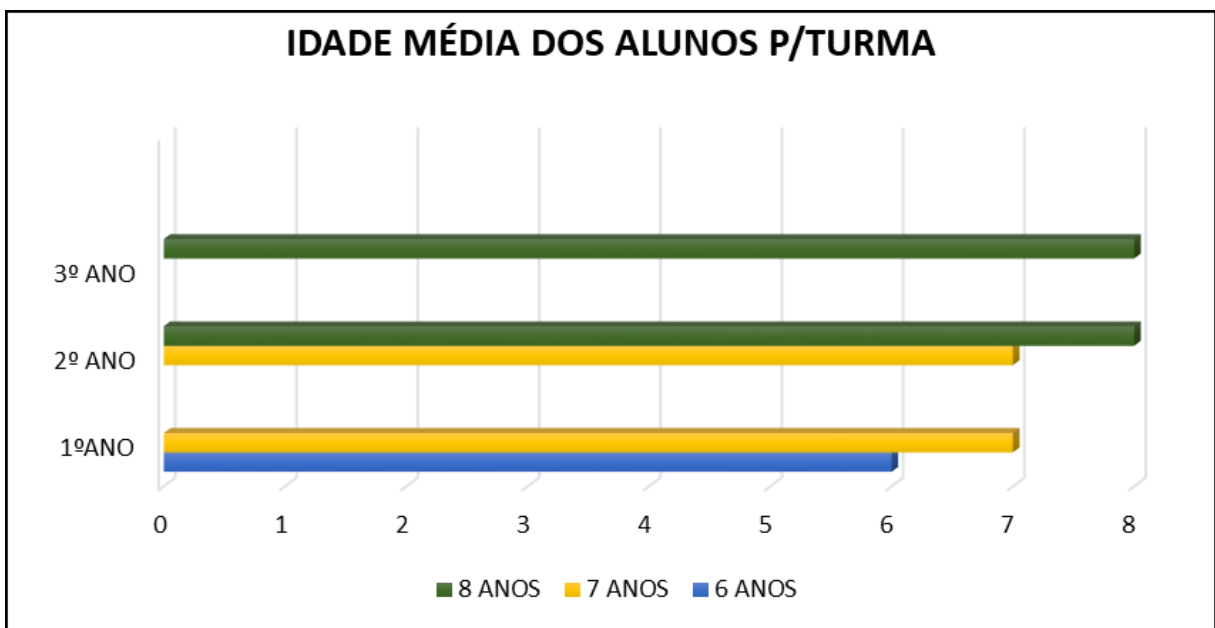
Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Ainda que nas turmas haja maior presença de meninos, as professoras ao se referirem ao grupo, não destacaram os gêneros, utilizando apenas o termo “alunos”.

A idade (GRÁFICO 3) também é fato consideráveis nas questões emocionais, como explica Wallon (1879-1962) “a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente”. (WALLON, 1879-1962 apud GALVÃO,

1995). Por isso é importante que o professor procure conhecer as características, necessidades e particularidades da fase vivida, promovendo experiências adequadas à idade e oferecendo recursos e espaços necessários para seu desenvolvimento, além de estabelecer normas e valores, que vão influenciar diretamente no caráter da criança.

Gráfico 3 – Faixa etária das turmas do 1º ao 3º ano.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A criança pequena tem dificuldades em refletir sobre as consequências das suas ações, de obedecer às regras, ou de compreender a realidade, agindo não pela intencionalidade, mas pelo ímpeto do momento.

Professora Ana - Alguns alunos ainda tem um pouco de imaturidade pra lidar com conflitos, o que gera muitas vezes pequenas brigas, discussões e uma coisa, assim, que chama muita atenção entre eles é que eles ainda estão em processo de construção do saber ouvir, do prestar atenção.

A idade representa um fator que contribui para o surgimento de conflitos em sala de aula, pois a criança pequena tem dificuldades em se colocar no lugar do outro, o seu pensamento, como afirma Piaget (1962), é egocêntrico, centrado no eu. Ainda não é capaz de raciocinar sobre aquilo que diz ou faz, apresentando uma

ideia criada na sua ignorância ou a partir da influência de outros, repetindo como se fossem suas. Contudo, quando a criança começa a ter maior capacidade de raciocínio sobre os diversos pontos de vista e desafios que apresentam o mundo que a cerca, começa a articular meios para as interações sociais. A tendência é que ela reproduza o mesmo tipo de relação social a que foi exposta.

3. RESULTADOS

A formação profissional colabora para ação docente e o trabalho escolar, à medida que estes exigem, segundo Nóvoa (2012):

[...] compreensão de um determinado conhecimento ou disciplina (e compreender é mais do que possuir o conhecimento) e compreensão dos alunos e dos seus processos de aprendizagem. É nesta dupla lógica que se funda o conhecimento docente. Por isso é tão importante combater a ideia de que ensinar é uma tarefa fácil, ao alcance de qualquer um. (NÓVOA, 2012, p. 16).

Assim, o processo de formação não está apenas na busca de conhecimento teórico, mas sim, trata-se de valorizar o conhecimento adquirido através de práticas e experiências significativas, contribuindo para a produção de um professor pesquisador, reflexivo, que cria possibilidades de aprendizagens. “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p.27).

3.1 Relações afetivas: a criação de vínculos afetivos

Muitos docentes seguem a carreira dos pais ou familiares. Sabem o que querem ser, mas não sabem ainda como fazer. Vejamos a fala da entrevistada:

PROFESSORA BIA - Sou de família de professores, a avó já era professora, o pai era professor, tios, irmãos, [...] então todo aquele assunto, todo aquele momento de escola [...] essa vivência e essa informação diária, eu já tinha. Eu tinha uma certeza muito grande que era o que eu queria fazer. Eu não tinha certeza como era para ser feito, a gente estava aprendendo[...].

A inspiração vinda de professores mais antigos não tem espaço na atualidade, hoje os alunos têm outras necessidades além de aprender os conteúdos.

“O maior desafio desta profissão está na mudança de mentalidade [...] a competência profissional deve ser medida muito mais pela capacidade do docente estabelecer relações com seus alunos e seus pares, [...]” (GADOTTI, 2003, p.4). O relato sobre o início da profissão destaca um ensino tradicional:

PROFESSORA BIA - [...] eu achava que na sala eu tinha que ser rígida, eu tinha que ser braba, eu tinha que falar alto, que aquilo ali era a forma correta, porque eu via que na minha família eles faziam assim, porque antigamente não existia esse contato tão físico, tão próximo, eu não via isso [...].

A constituição docente está ligada à vivência escolar, pois decorre da experiência e da percepção sobre como suas ações interferem nas práticas educativas, modificando e inovando suas concepções sobre a docência. Muitos vão aprendendo a gostar da profissão ao longo do tempo, porque de início dar aula tende a não representar “a boniteza do sonho de ser professor”, mas que por algum motivo desperta um sentimento alimentado por certo “dom” que alguns revelam ter:

PROFESSORA DORA - Eu nunca quis ser professora, mas eu sempre tive muita facilidade com crianças. Das crianças gostarem de mim, então, não sei, de repente a gente chama “dom”. É eu tenho muita facilidade[...]. Não sei eu tenho uma facilidade assim com criança, muita facilidade.

Mas então “porque ser professor”? Procuramos nas palavras de Gadotti inspiração para uma reflexão sobre isto. “[...] depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado.” (GADOTTI, 2003, p. 2). Sim, se pensarmos que, principalmente, se tivermos a sensibilidade de saber que o nosso trabalho tem o poder de transformar a vida de muitos indivíduos, terá sido uma escolha de grande valor. O depoimento das professoras, nos traz a valorização do sujeito e que quanto melhor forem as condições oferecidas, mais consistente será o relacionamento, o respeito, a colaboração em prol de uma aprendizagem significativa. Vejamos:

PROFESSORA ANA - [...] a gente está vivendo um tempo bem complicado e de vez em quando a gente percebe um tipo de carência. Carência emocional, carência financeira, são tempos difíceis para todos nós e muitos têm uma realidade difícil. A gente tem que ter essa compreensão que a sala de aula para eles, muitas vezes é aquele lugar importante, onde eles conseguem apoio, onde eles conseguem ajuda.

PROFESSORA BIA - [...] quem é que não gosta de se sentir querido, de se sentir amado, bem tratado. A vontade de vir para a escola e por aí. Nós adultos não vamos a um lugar em que a gente não se sinta bem, que alguém vá nos olhar com uma cara feia e vá gritar.

PROFESSORA CRIS - Aquela criança, que sente falta de afeto, [...] até dependendo da base familiar, porque a construção da base familiar não é mais a mesma daquela tradicional, [...] prejudica eles. Então muitas vezes eles estão agressivos, estão agitados, porque eles estão sentindo falta disso. Nós como professores, quando a gente percebe isso, às vezes um abraço, um elogio, isso já ajuda ele naquele dia. Eu, consegui vários resultados positivos trabalhando a autoestima do aluno.

É essa sensibilidade e consciência que ajudam a estabelecer relações e interações no espaço escolar. O cuidado em atender cada aluno dentro da sua realidade e subjetividade, representa a compreensão de que as ações educacionais são interligadas por práticas que vão além dos conteúdos e disciplinas. O professor não deve esquecer que a partir do momento que estabelecemos relações, construímos vínculos afetivos que nos permitem perceber emoções e sentimentos que interferem ou estimulam a aprendizagem. Bons vínculos formam laços que representam confiança e afeto, respeito às etapas do desenvolvimento infantil. Assim:

PROFESSORA DORA - [...] A gente tem que conversar, entender eles também, pois assim como a gente, eles também, mesmo sendo pequenininhos, têm os dilemas deles. As vezes um brinquedo que eles não têm. [...] viu o pai e mãe brigar em casa e chegam com um comportamento diferente, tudo isso influencia.

PROFESSORA CRIS - A gente cria um vínculo bem grande. [...]. Às vezes tu vai ficar muito sentimental, descobrindo a maneira que aquela criança vive. Eu levei um tempinho, assim que eu comecei a dar aula, a gente tem uma visão. A gente acha que é só fazer o planejamento e entrar na sala de aula. Não é. Além disso, o tempo vem mostrando isso para a gente, porque a gente vai começar a fazer o planejamento e não vai dar certo, a

gente não vê resultado. Só vai ver resultado, quando começar a olhar para a criança como um indivíduo, assim, muito especial e que ele precisa da gente e a gente é a peça fundamental.

O processo de ensino-aprendizagem exige uma colaboração mútua entre o professor e o aluno. O professor vai orientar o aprendizado, criando possibilidades para despertar o interesse e a curiosidade do aluno. A construção desse vínculo é uma ação importante, que representa segurança e atenção em prol do desenvolvimento do aluno e melhor aceitação das propostas educativas.

A mediação feita pelo professor constitui um fator fundamental dentro da sala de aula, já que a maneira como ele se expressa representa seus valores e intenções. Comentários negativos ou um olhar de desapontamento do professor para com seus alunos, são ações que demonstram uma conduta negativa, que interfere na dinâmica da aula e influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem. O aluno acaba não gostando de frequentar a aula, pois as formas de expressão apresentadas pelo professor não proporcionam proximidade com o aluno, nem o diálogo, nem trocas significativas que expressam o sentido da sua presença ali. Para Tassoni, “o comportamento do professor, em sala de aula, expressa suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos que afetam cada aluno individualmente.” (TASSONI, 2000, p.149).

No relato a seguir identificamos o quanto as expressões representam sentidos que interferem no funcionamento psicológico, afetivo e cognitivo da criança.

PROFESSORA ANA - [...] é necessária a compreensão da situação em que cada criança se encontra. Como eles ainda são novinhos, bem jovens, então tem dias, assim, que eles precisam de uma palavra de carinho, do abraço. Eles precisam de uma atenção extra[...].

PROFESSORA BIA - [...] quando eu comecei eles já tinham mais de um mês de aula, então estavam inseguros, estavam tristes, eles achavam que os professores iam embora por culpa deles, e não, era. Era o sistema que não tinha funcionado ainda.

PROFESSORA BIA - Mas porque tu tá chorando, tu vai tirar umas férias? - Sabe professora, mas eu queria tanto vir, eu não queria ficar longe da senhora. Aí eu disse assim: - Mas então está muito bom, porque antes tu não gostavas de vir à escola. Eu

lembro da resposta dele, a frase foi a seguinte: -“ É que a outra prof. era mó cavala”. Essa foi a frase dele para mim.

Certas situações podem gerar insegurança, sentimento de fracasso e insuficiência, comportamento de isolamento, falta de autocontrole. Ações que ocorrem no âmbito escolar - e também fora dele - podem influenciar no autoconceito da criança, contribuindo para o aparecimento de sintomas de ansiedade, desinteresse, falta de motivação e baixa autoestima. Uma intervenção motivacional pode ajudar a estabelecer uma relação positiva com seu “eu” e melhora na relação com o outro.

PROFESSORA CRIS - [...]a professora não conseguiu alfabetizar ele no primeiro ano. Ele chegou aqui e eu não estava conseguindo. Ia para casa e ficava pensando como é que eu vou conquistar essa criança, qual é o problema? Quando eu chamei, os familiares, o responsável - ele morava com os avós, já bem de idade - eles relataram que tiveram que mudar e colocaram o menino aqui, porque ele sofria bullying, e que era o maior dos alunos e gordinho. Daí foi onde eu comecei a trabalhar com ele dando elogios, assim, em pouco tempo ele foi alfabetizado e foi o melhor da turma.

Assim, além de como o sistema se organiza, outras questões como o gesto, a fala, a postura do professor ou a falta de sentido de pertencimento ao grupo, produz reflexos em como os alunos vão assimilar as experiências e como ele se identifica dentro do ambiente social que convive.

O processo de aprender pode vir acompanhado de sofrimento e mal-estar, contribuindo para a construção de uma autoimagem prejudicada, influenciando o entendimento que o sujeito faz de si, bem como, a maneira como se relaciona com outras pessoas em seu convívio social. ” (SOUZA, 2002 apud PIOVESAN *et al.*, 2018).

O universo simbólico dos alunos, constitui a interiorização de vivências e experiências escolares. A concepção sobre “gostar” e “não gostar” do professor, vem de conceitos elaborados pelas percepções e compreensão de situações ocorridas no cotidiano da sala de aula. Isso define como os alunos respondem as propostas de atividades e como confrontam o posicionamento do professor.

PROFESSORA DORA - Se eles não gostam, não aceitam. Eles não respeitam .

A qualidade das relações interpessoais pode promover ou destruir vínculos, dificultando a condição que um dá ao outro para ensinar e aprender.

O método de ensino deve ser dinâmico e apresentar propostas que desafiem suas capacidades, motivando a reestruturação do conhecimento, num processo de assimilação e acomodação. “Muitos alunos não aprendem porque eles literalmente não conseguem entender aquilo que lhes é ensinado.” (WADSWORTH, 1992, p.151). Por isso é importante oferecer atividades que eles gostem:

PROFESSORA BIA - Então num primeiro momento, eu trabalhei mais com a conversa, com música, porque eu trabalho muito música. Música, jogo. Minha sala é muito colorida, eles fazem muita coisa.

Incentivar os alunos a participarem e interagirem durante as aulas faz com que se sintam seguros e confiantes. O planejamento de aulas dinâmicas com atividades lúdicas, torna a prática mais interessante. As atividades lúdicas representam importantes recursos de ensino que promovem a socialização, incentivam a aprendizagem, a cooperação, a comunicação, auxiliam nos relacionamentos interpessoais, desenvolvem o raciocínio, atenção, imaginação, criatividade e trabalham as noções de respeito e autoestima.

3.2. Influência da família nas reações emocionais

A família é fundamental na educação dos valores morais, na responsabilidade do cuidado e proteção e o mais importante, ela é o principal suporte socioafetivo da criança. A existência de vínculos familiares, dá o sentido de segurança, incentivo e valorização, refletindo no comportamento e na capacidade de compreender o mundo à sua volta.

Na escola temos a possibilidade de desenvolver habilidades sociais e emocionais. A oportunidade de aprender, reconhecer e lidar com os sentimentos, colabora com a autoestima e com a capacidade de ter empatia pelo outro. Souza (2011), aborda uma perspectiva de Wallon:

[...] é importante focalizar as interações entre sujeitos e objetos, destacando dentre esses objetos, o outro que se emociona, [...]. Trata-se então de destacar os detalhes das interações sociais, as expressões que se expressam nas ações e nas palavras daqueles que delas participam, adultos e crianças. Nesse caso procedimentos tais como filmagens em vídeos, com recortes de interações consideradas significativas, são frequentemente utilizados. (SOUZA, 2011, p.,253).

PROFESSORA ANA - Seguido a gente trabalha videozinhos que envolvem valores, principalmente a empatia, eles ainda estão na fase de ter um pouco de dificuldade de compreender que a gente precisa sempre se colocar no lugar do outro, para que tudo comece a melhorar. A importância da amizade, a importância de saber respeitar o outro. Então esses são valores que eu acho que eu costumo ainda trabalhar bastante.

Na questão sobre família e escola, há necessidade de parceria dos pais ou responsáveis, pois é fundamental estreitar laços, para manter uma boa e permanente comunicação sobre as necessidades, o desenvolvimento e o comportamento dos filhos, assim como, para o professor estar a par da realidade familiar do seu aluno. A família e a escola, são ambas responsáveis pela formação afetiva, cognitiva e social da criança. As diferentes realidades são mostradas aqui:

PROFESSORA – DORA Têm esses alunos aí, que vem uma vez por semana. A gente já chamou os pais, a gente já conversou, já explicou e continua vindo uma vez por semana, então é um caso que é além de mim. A minha parte de dar aula e explicar, eu estou aqui. Eu deixo bem claro para eles: eu estou aqui. Só que às vezes a gente precisa da ajuda da família e se a família não se propõe, a consequência é o quê? O aluno passar lá para o 3ºano sem ler. Estão cientes disso.

PROFESSORA BIA - Aqueles pais que a gente tem contato, igual hoje, eu recebi o pai de uma menina que recebeu o diploma, [...] ela tá no quarto ano, não é desse terceiro, mas é da outra turma, mas ela conseguiu alfabetizar agora nesse primeiro. Quando ela veio, tinha o rótulo de que não ia aprender, porque a mãe é disléxica. E saiu do convívio que ela estava, trocou de turma, veio para mim, e ela está lendo e escrevendo e hoje recebeu um “diploma de superação” e o pai veio me agradecer e chorou. É um pai que cuida das filhas sozinho. Enfim, eu gosto de sentar e conversar e saber a história. Quando eu faço a entrega de boletins, eu faço praticamente uma entrevista: - Mas onde é que foi a mãe pai? Onde é que ela foi parar? O que é que houve?

Nos relatos, vemos a importância de conhecer a realidade do aluno, sua história, o contexto onde estão inseridos, os problemas que interferem no seu

desenvolvimento. Isto possibilita que melhor possam ser atendidos em suas necessidades e dificuldades.

PROFESSORA ANA – [...] Por exemplo, alguns têm total apoio na hora do tema, na hora da pesquisa. Outros a gente percebe que eles mesmos tentam se ajudar e nem sempre eles conseguem pelo fato de serem crianças.

PROFESSORA BIA - [...] tem aqueles que a gente sabe que tem as histórias, às vezes mais pesadas. A família muitas vezes não quer que a escola saiba, mas se eu vejo, até faço um papel, que eu sei que não é minha obrigação, mas eu me sinto nessa obrigação. Se um aluno talvez está passando por alguns maus tratos e tudo, eu encaminho, eu quero saber. Às vezes eu levanto a blusinha e dou uma olhada para ver se não tem uma marquinha, porque tá se queixando que tá com dor, eu olho: - Não tá calor? Puxo o bracinho, puxo a manguinha’.

PROFESSORA CRIS - É importante a avaliação diagnóstica. [...]. Tu tens que conhecer o aluno, a realidade dele, que ele vive. Não adianta tu fazer um planejamento se a realidade dele é fora daquele contexto. Para você ter uma boa relação com ele, tem que conhecer ele, saber se tem problema familiar, se a família trabalha junto, porque onde a criança não tem esse acompanhamento familiar, ela não consegue.

PROFESSORA DORA - Tu tens que conhecer o teu aluno, conhecer a estrutura familiar dele, para ti ter esse olhar, porque às vezes, a gente todos os dias trabalhando acaba não percebendo que aquele aluno está tendo algum problema. Eu briguei com ele na sala de aula. Eu disse: - Não. Pode sair da minha sala. E ele: - Não vou sair’. [...]. Porque ele fica o tempo todo me afrontando. [...] E no fim a gente construiu uma relação. Ele vinha me abraçar, e nisso, eu chamei os pais, e descobri que a mãe era totalmente ausente, ele não tinha pai. O pai não assumiu ele. Ele tem outra. O problema todo era na família e ele só tentando chamar a atenção. Aí eu comecei também a ter outro olhar. Por isso é importante também, tu conhecer a história da família.

A ausência dos pais em função de ambos trabalharem para suprir o sustento da casa, a convivência com apenas um deles ou uma estrutura familiar desestabilizada, tais condições obrigam muitas vezes que a criança cresça aos cuidados de outros. Para compensar essa ausência, aquele que cria, tende a mimá-la fazendo todas as suas vontades. A criança cresce sem noção de limites ou qualquer juízo moral. Sobre os reflexos emocionais vividos no meio familiar, se

interfere um pouco nesse processo de aprendizagem, as entrevistadas dão um exemplo:

PROFESSORA ANA - Isso interfere bastante, porque o aluno já vem - como eu posso dizer - ele tem a experiência, a vida dele familiar, ele já vem com um tipo de vivência e alguns conhecimentos fora da escola, então isso é uma coisa que influencia sim.

PROFESSORA BIA - A mãe largava ele na frente da escola, ele entrava e depois ele saía. Enquanto o portão ainda estava aberto, ele saía. A escola estava sempre atrás dele. Como a minha sala era no segundo andar, era mais difícil dele fugir. Eles colocaram ele comigo.

PROFESSORA CRIS - Depende muito do ambiente familiar.

PROFESSORA DORA - É que tem aqueles que precisam também de um pouco de firmeza né, porque tem uns que são muito mimados pela mãe. Que a mãe fiz tudo que quer. Então eles estão acostumados só com esse estilo assim, só com esse jeito de tratar, então eles sabem que fazendo manha eles ganham o que querem.

Nestes casos, tudo depende do ambiente familiar, pois a criança usa as relações do cotidiano para satisfazer suas vontades. Na escola, tenta transferir para o professor aquilo que lhe é oferecido em casa sob responsabilidade de quem a cria. A falta de compreensão e estabelecimento de regras e valores, geram conflitos e sentimentos, expressados, por exemplo, pelo choro, manha, cara feia, birra, indisciplina, agressividade, estados que interferem no seu processo de aprendizado, já que a atenção está voltada para as suas vontades.

Em função disto, a família deve compreender que “o ingresso da criança no universo moral, certamente se dá pela aprendizagem de diversos deveres a ela impostos pelos pais e adultos em geral [...]”. (LA TAILLE, 1992, p.51). Claro, reconhecemos que não deve ser uma imposição, mas de oferecer uma educação que promova o desenvolvimento moral da criança e a compreensão dos efeitos de suas ações.

3.3. O desenho como percepção de sentimentos e emoções internas.

Talvez às vezes seja difícil expressar os sentimentos. A tristeza, a raiva, o medo, a ansiedade e também a alegria, podem estar atrelados a determinadas situações que afetam o estado emocional e interferem nas decisões, levando o sujeito a agir por impulso. Perceber e identificar a ocorrência de problemas que afetam o bem-estar da criança, pode ajudá-la a entender seu próprio mundo, suas emoções e sentimentos.

No decorrer de seu desenvolvimento a criança vai descobrindo a si e o mundo ao seu redor. A descoberta de si e do universo que a rodeia se dá de diferentes maneiras: por meio do brincar, das relações que estabelece com as pessoas e objetos, da afetividade e sobretudo pela experimentação. (GOBETTI; CASTRO, 2018, p.38).

Construir uma autoestima e boas relações representam uma forma positiva de desenvolver capacidades emocionais. Sabendo lidar com o próprio eu, ficará mais fácil ter empatia pelo outro, ser cooperativo, participativo, criando um sentimento de pertencimento ao grupo, estabelecendo boas relações. Uma forma significativa, relatada pelo grupo de professoras entrevistadas, é o desenho.

PROFESSORA BIA - O desenho é primordial para criança, porque nem todos falam, mas o desenho está falando por ela.

O desenho pode representar uma atividade simples, mas quando a criança ainda não tem habilidade para expor seus pensamentos pela expressão verbal, a expressão gráfica é a forma com a qual ela expõe suas percepções sobre o mundo imaginário e o mundo real, seus conhecimentos, a forma como organiza suas ideias e a evolução da sua aprendizagem. Além disso, é uma importante ferramenta de análise sobre as emoções internas e conceitos atribuídos a experiências vividas e as relações com seus familiares.

[...] por meio dos movimentos gráficos o sujeito materializa uma ação subjetiva, representando o seu universo interno e o ambiente em que vive, exprimindo sentimentos, medos, desejos, características pessoais, ambientais e espaciais. (ANDRADE, 2022, p.03).

Uma das primeiras atividades realizadas para conhecer um pouco sobre a estrutura familiar da criança é o desenho.

PROFESSORA DORA - A gente pede pra desenhar a família. Desenho sempre é bem importante. A gente consegue fazer uma análise né, da família dele, como funciona, como é.

Uma técnica utilizada pela psicopedagogia segundo Weiss (2000) é “a do desenho família, a autora diz que é possível perceber pistas das relações do paciente/criança no núcleo familiar, dificuldades na separação, crescimento [...]”(WEISS, 2000, p.121 apud GOBETTI; CASTRO, 2018, p.42). Outra técnica é o desenho da figura humana, onde ela começa desenhando a figura humana comparada a si mesma e conforme o seu desenvolvimento, começa a ter uma percepção corporal, conseguindo distinguir formas e imagens.

Através de um olhar mais atento sobre os desenhos que a criança faz espontaneamente, podemos identificar, através dos traços, da posição, pressão, dimensões, cores do desenho, representações e proporções dos personagens, algumas situações que possam estar afetando o seu emocional, interferindo e influenciando nos aspectos comportamentais, levando o sujeito a agir por impulso. Perceber e identificar a ocorrência de problemas que afetam o bem-estar da criança, pode ajudá-la a entender seu próprio mundo, suas emoções e sentimentos. Vejamos:

Além dos aspectos cognitivos que podem ser observados no desenho, outros aspectos também se colocam em evidência como o aspecto psicomotor, emocional e o simbólico. Outro aspecto importante a observar é a maneira como a criança realiza a atividade gráfica proposta: se demonstra insegurança, usa muito a borracha, demonstra envolvimento, concentração, etc. (GOBETTI; CASTRO, 2018, p.43).

Ao avaliarmos todos os elementos possíveis de serem analisados em um desenho, ficará mais fácil detectar e resolver os problemas afetivos e emocionais.

Construir uma autoestima e boas relações representam uma forma positiva de desenvolver capacidades emocionais. Sabendo lidar com o próprio eu, ficará mais fácil ter empatia pelo outro, ser cooperativo, participativo, criando um sentimento de pertencimento ao grupo, estabelecendo boas relações. Para o grupo de professoras entrevistadas, o desenho é uma forma muito significativa, pois pode revelar

pensamentos, emoções, sentimentos, insegurança, dificuldades e problemas de aprendizagem.

O sentimento vem de dentro, e quando a criança desenha ela representa sua opinião. Tudo o que lhe agrada e o que lhe desagrada é transferido para o papel. Um exemplo disso são as cores e o simbolismo utilizado para retratar a sua escola. Cores escuras que na maioria das vezes é representado por um castelo dos horrores ou uma prisão. Neste caso provavelmente a criança apresenta dificuldade de ir à escola ou então quando não gosta de ir. Muitas vezes isso ocorre porque a criança não se adapta a escola/professora. Sua regra, seu excesso de conteúdos e a obrigatoriedade dos pais são cumpridas de forma exaustiva e com desagrado por parte do educando. (MENDES, 2020, p.38).

PROFESSORA ANA - [...] no momento que o aluno demonstra que ele tem mais facilidade para aprender [...] eles demonstram, através de um desenho. Eles fazem e entregam para a gente, quando já estão escrevendo e lendo, uma cartinha. Então são maneiras que eles têm de demonstrar que gostam do professor e no momento que a gente percebe isso há uma melhora na aprendizagem deles.

PROFESSORA CRIS - [...] para nós, às vezes, é só um monte de risco, mas para eles ali tem muito significado, tem emoções, tem angústias, tudo num desenho só. [...] O desenho é muito importante na avaliação diagnóstica nos anos iniciais.

Assim, a criança através do desenho, retrata uma compreensão do seu universo simbólico, real e imaginário. O desenho é uma forma artística que proporciona a comunicação e expressão de sentimentos e pensamentos. A criança utiliza esse meio, muitas vezes, para criar um canal de comunicação com a pessoa que tem acesso a eles. Essa pessoa tem a possibilidade de levantar hipóteses sobre possíveis problemas e dificuldades de aprendizagem, por isso é importante um olhar muito observador e atento do profissional que acompanha o aluno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As etapas do desenvolvimento infantil, são estabelecidas por fatores orgânicos e sociais. Os aspectos cognitivos e afetivos são determinados com as interações e ações da criança que ocorrem no ambiente familiar e social.

Os conflitos que interferem na dinâmica das atividades são decorrentes da dificuldade de compreender o ponto de vista do outro, pois conforme a idade da criança, ela ainda não tem noções das regras. Também as influências do seu meio social podem implicar nas questões psicológicas que regulam as emoções e sentimentos, muitas situações cotidianas favorecem estados afetivos de prazer ou desconforto, porém a criança pequena não tem maturidade para regular essas manifestações. Por isso, reações emotivas, que nem sempre são compartilhadas, podem determinar relações de coação, atitudes ríspidas e agressivas, resultam em insegurança, desmotivação e retração, fazendo com que a criança se volte para seu mundo interior.

Dos relatos obtidos através da pesquisa, foi possível identificar pontos de análise que contribuem para identificação de problemas que possam atrapalhar o desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança. O primeiro ponto definido como possível problema, que interfere nas interações sociais e no processo de aprendizagem, é a relação que o professor constrói com seus alunos, considerando atitudes e práticas que desmotivam e desinteressam, que não valorizam ou desenvolvem a consciência sobre si e sobre os outros, como aspectos importantes na construção da identidade pessoal. Uma forma apresentada de resgate desse sujeito é atribuir significância ao contexto da realidade vivida, agregando às práticas pedagógicas valores morais e sociais, que desenvolvam sentimento de autoconfiança, autoestima e pertencimento, elevando as possibilidades de estabelecer relações afetivas que sejam benéficas para o desenvolvimento cognitivo.

O segundo ponto é a relação familiar que corresponde ao ambiente que deveria fornecer segurança, afeto, atenção e ensinamento sobre os princípios morais e valores que regem a vida social, porém, a estrutura familiar nem sempre é sinônimo de proteção e atendimento às necessidades afetivas, cognitivas e formativas, deixando por conta da instituição escolar a responsabilidade de instruir,

orientar e dar proteção, cumprindo um trabalho formativo e social, ocupando-se em resolver os problemas decorrentes das carências, principalmente emocionais, apresentadas pelas crianças que atende.

O terceiro ponto é a possibilidade de analisar conteúdos que possam identificar as carências afetivas e possíveis deficiências cognitivas. Um meio de reconhecer as causas que geram problemas e bloqueios mentais é através do desenho espontâneo. Ao mesmo tempo que representa uma atividade lúdica, também pode representar expressões produzidas no ambiente de convivência do sujeito. Podemos avaliar os estados emocionais a partir de como a criança desenha: posição, pressão, dimensão, traço e as cores utilizadas no desenho, são alguns elementos que merecem atenção e investigação. Também através do desenho podemos avaliar a evolução da escrita, o desenvolvimento psíquico e motor da criança.

A criança que se sente desconfortável frente às propostas educativas ou a atuação do professor em sala de aula, não terá interesse em realizar as atividades, tampouco irá às aulas com frequência, não saberá retribuir afeto, nem se colocar no lugar do outro. A afetividade é a base de todo relacionamento que busca a compreensão, sentido e um objetivo significativo para intenção de ensinar e aprender.

Contudo, a pesquisa demonstrou o quanto a escola e os professores estão preocupados em manter uma dinâmica interativa em sala de aula, conduzida pelas relações de valorização e trocas afetivas, pois defendem que a aprendizagem só acontece a partir da forma com que construímos vínculos afetivos com os alunos. A afetividade é considerada uma ferramenta fundamental no processo de ensino e aprendizagem, já que o desenvolvimento afetivo e cognitivo são elementos indissociáveis e importantes para o desenvolvimento do indivíduo.

Assim, a relevância sobre a influência da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem é reconhecida com frequência na pesquisa, através dos relatos de atitudes e experiências que apresentaram meios e modos de ensino e interações. Os trabalhos das professoras mostram a preocupação com a subjetividade e a realidade do aluno, buscando sempre estabelecer relações de confiança e bem-estar, além da permanente avaliação diagnóstica, que busca entender a origem

dos comportamentos e causas que interferem e dificultam a aprendizagem e as relações interpessoais.

Refletindo um pouco sobre o trabalho de pesquisa, o fato da temática permitir amplas abordagens, poderia ter sido expandido a outros sujeitos, como alunos e funcionários, pois o espaço escolar não é somente representado pelo professor. As experiências vivenciadas no ambiente são produzidas a partir da interação social e das relações construídas, observações específicas sobre o contexto também poderiam ajudar a perceber e compreender melhor as expressões cotidianas e de que formas elas se manifestam. Portanto devemos admitir que há muito a se explorar sobre o tema, e diante desse fato, surgem novas perspectivas de estudo para seguir as indagações sobre a influência da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem. Um assunto focado na “avaliação dos diferentes modos de comportamentos social e afetivo, provocados pelos espaços de vivências e suas relações com a aprendizagem”, conduziria a mais reflexões sobre a relevância da temática, aprofundando os estudos e a compreensão sobre de que formas as experiências produzidas na realidade do sujeito, definem comportamentos e intervêm no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno.

5. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thaís Oliveira. **Desenho Infantil: Fases Evolutivas e Expressões Significativas**. Bahia: UNEB, 2021. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/cadernos/article/view/2742> Acesso em: 20.08.2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CP n. 09/2001, de 08 de maio de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25.08. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GADOTTI, MOACIR. **Boniteza de um Sonho: Ensinar e Aprender com sentido**. São Paulo: GRUBHAS, 2003. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/BONITEZA%20DE%20UM%20SONHO%20Ensinar-e-aprender%20com%20sentido%20-%20gadotti.pdf>. Acesso em: 03.09.2022

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/19324841/henri_wallon_uma_concep%C3%A7%C3%A3o_dial%C3%A9tica_do_desenvolvimento_infantil

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. - p. 12. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acesso em: 28.03.2022

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. V.6. 220p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf> Acesso em: 14.04.2022

GOBETTI, V. M. Dos S.; CASTRO, M. P. O desenho infantil: um olhar psicopedagógico. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, São Paulo, v. 1, n.

4, p. 37-46, mar. 2018/set. 2018. DOI: 10.22287/rpgm.v1i4.768. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/768/696>. Acesso em: 29.09.2022.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. HENRI WALLON. Mec/Fundação Joaquim Nabuco (org.) Recife: Massangana, 2010. p. 43. (EDUCADORES). **Tradução e organização de Patrícia Junqueira.** Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online115761/henriwallon>. Acesso em: 19.02.2022

HUBERMAN, Michaél. O ciclo de vida profissional dos Professores. In: NÓVOA, António. (Org.) **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 1992. 214p. (Coleção Ciências da Educação). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4955745/mod_resource/content/1/Huberman-m-o-ciclo-de-vida-profissional-.pdf Acesso em: 13 ago.2022

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **PIAGET, VYGOTSKY, WALLON: teorias psicogenéticas em discussão**. 24. ed. São Paulo: Summus, 1992.

MARCONI, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. 310 p. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-in-dia/view. Acesso em: 15.04.2022

MARIN, Ângela et al. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: crianças na pandemia COVID-19. Rio de Janeiro: Fiocruz/CEPEDES, 2020. 20 p. Cartilha. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf Acesso em: 07 ago. 2022

MEDINA, Vilma. **Como interpretar os desenhos das crianças: O desenho pode ser, na infância, um canal de comunicação da criança e seu mundo exterior.** Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/desenho-infantil/210-como-interpretar-os-desenhos-das-criancas.html>. Acesso em 13.09.2022

MENDES, Juliana Carvalho Assumpção. A contribuição do desenho infantil no diagnóstico psicopedagógico. **Revista Gestão & Educação**, Julho/2020. Disponível em: <http://revista.faconnect.com.br/index.php/GeE/article/view/22/20>. Acesso em: 13.09.2022

NÓVOA, António. Devolver a formação de professores aos professores. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, p. 11-11, 2012. https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Devolver+a+forma%C3%A7%C3%A3o+de+professores++aos+professores+Ant%C3%B3nio+N%C3%B3voa&btnG= Acesso em: 13 ago. 2022

PIOVESAN, Josieli et al. **PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM**. Santa Maria: Ufsm, Nte, 2018. 161 p. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/07/MD_Psicologia-do-Desenvolvimento-e-da-Aprendizagem.pdf. Acesso em: 11 set. 2022.

RODRIGUES, Silvia Adriana; GARMS, Gilza Maria Z. **Relação professor-aluno e afetividade: reflexões wallonianas sobre o ambiente de aprendizagem e a prática docente**. Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande/MS, n. 23, p. 31-41, Jan. /Jun. 2007, p.,38.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. p. 31-43. Unidade 2. Disponível em: <http://meiradarocha.jor.br/news/tcc/files/2017/12/Gerhardt-e-Silveira.-M%C3%A9todos-de-Pesquisa-EAD-UFRGS.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SILVEIRA, Elisete Ávila da. **A Importância da Afetividade na Aprendizagem Escolar: O Afeto na Relação Aluno-Professor**. Paraná: DEE, Formação ação, 2º sem.2017, Anexo II. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/2semestre2017/fa2017_afetividade_processo_DEE_anexo2.pdf

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As Relações entre Afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, vol. 27, n. 2, Abr/Jun 2011, p. 249-254. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/byCS7FDbNwLSZZNRmBSvdJD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20.03.2022

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, nº 13, Jan/Fev/Mar/Abr 2000 Disponível em: <http://www.andreaserpauff.com.br/arquivos/disciplinas/magisterio/saberes%20profissionais%20dos%20professores%20e%20conhecimentos%20universit%c3%81rios.pdf> Acesso em: 07 ago. 2022.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e Produção Escrita: a mediação do professor em sala de aula**. 2000. 246 f. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/182481?guid=1648074392585&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1648074392585%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d182481%23182481&i=2>. Acesso em: 22 mar. 2022.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem: As Contribuições da Teoria Walloniana**. Educação. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 262-271, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9584>. Acesso em 21.02.2022

TRIVINOS, Augusto N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf. Acesso em 10.08.2022

WADSWORTH, Barry J. O estágio sensório-motor. In:_____. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria De Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1992.

Cap. 3. p. 25-47. Tradução Esmeria Rovai. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/sc8sx1x> Acesso em: 20 mar. 2022.

WALLON, Henri. **A EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA DA CRIANÇA**. São Paulo: Persona, 1968. Título Original: L'évolution Psychologique De l'enfant. Tradução Ana Maria Bessa. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x0xvcx0>. Acesso em: 20 mar. 2022.

6. APÊNDICE

O roteiro da entrevista foi estruturado em duas partes: Conhecer e perguntar. A primeira parte faz a identificação do entrevistado, formação, tempo na atividade docente, a turma que atende, e a composição da turma. A segunda parte segue com as questões pré-estabelecidas para a entrevista:

- a) Como é a interação dos alunos em sala de aula?
- b) Como reagem às propostas educativas?
- c) Do que mais gostam? O que você percebe que contribuiu para uma relação de afeto com o aluno? (A comunicação, a confiança, o modo de ensino...);
- d) Eles chegam na escola com um comportamento mais resistente a criação de laços afetivos, por exemplo, timidez ou agressividade, ou as emoções se modificam diante de situações de frustração ou desconforto?
- e) As experiências emocionais vividas no meio social e familiar podem interferir no processo de ensino-aprendizagem?
- f) Você procura conhecer a realidade e característica de seus alunos?
- g) Você acha que a afetividade é uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem?
- h) Como você avalia a relação construída com seu aluno e o resultado do seu trabalho de ensino?